

CORO DAS BACANTES  
(Ditirambo)

*Admite-se a presença de um Exarchôn, isto é, de um animador que dê sinal para o início da dança e provoque a espaços as respostas rituais das mulheres.*

*A dança é circular, pelo menos na intenção: visa entontecer até ao transe e à perda dos sentidos.*

Pelo fogo da língua,  
pelo sopro e o contágio da língua.  
Pela boca,  
os buracos do corpo que nos ligam  
ao estrume  
e ao alimento.  
Os buracos do corpo onde entra o homem  
e escorrem as sangrias,  
por onde nos rebentam as crianças.  
Ó bodezinho.  
Ó tocador da flauta  
que nos leva à loucura.  
Ó tu, o mais terrível  
e o mais doce dos deuses.  
Ó dançarino,  
ó condutor de feras.  
Pelo fogo da língua te chamamos,  
ó mugidor.

À roda, à roda, à roda,  
oh, a cabeça à roda para trás,  
essa cabeça  
separada do corpo,  
cabeça sacudida,  
ombros picados  
pelo grande aguilhão.  
Ah, raparigas,  
será isto o amor?

Dionysos Baccheios!  
Euoi, euoi! Iú-Iú!  
Deita-nos o teu cuspo,  
o cuspo de oiro  
que nos faz rir  
e levantar as saias.  
O teu belo bastão  
onde se enroscam  
a vide e a folha de hera.  
Oh, que escorra essa espuma  
pela nossa barriga,  
que nos faça deitar,  
ó touro. Ó gritador!

Dionysos Bromios!  
Euoi, euoi!  
Chegou o ruidoso!  
O deus que se ouve ao longe  
a ribombar,  
a remoer,  
a comover a terra.  
E galopa, galopa,  
esta criança  
com seus cascos azuis.  
O perseguido  
que ama perseguir.  
Ah, o grande insensato,  
o passageiro,

Perdição

19

o risonho senhor  
da escuridão.  
Oh, por onde nos levas?  
Para onde?  
O som da tua flauta enrosca,  
enrosca,  
desce pelas goelas,  
queima e encharca.  
À roda, à roda, à roda,  
raparigas.  
Temos o deus em nós.  
É isto o amor?

Euoi, iú-iú!  
Euoi, ó Baco!  
Ah, que longe está de Tebas,  
longe a lei.  
Longe os terraços,  
longe os leitos, oh!  
Dá-nos o gozo, ó deus,  
escorrega e arde,  
delícia das entranhas, saborosa  
perdição dos sentidos.  
Faz-nos voar.  
Arranca-nos soluços.  
Amanhã morremos  
e é preferível  
pensar que por ti, sim,  
valeu a pena.

Ômadios!  
Comedor de carne crua!  
Euoi! Euoi! Iú-iú!  
Para os teus dentes agudos,  
para as tuas mãos cobertas  
de cabelo  
atiramos a carne  
ainda viva.

A carne em transe.  
A carne palpitante.  
Gemente,  
com o som da agonia.  
A carne,  
a doce carne que fumeja.  
O corpo desmembrado das pequenas  
criaturas macias.  
Dos cabritos.  
Dos filhos das mulheres.  
Das gazelinhas cuja pele  
depois  
lançamos sobre os ombros.  
Para que o sangue circule.  
O sangue quente  
empurra a Primavera.  
Ferve, murmura  
sob o animal,  
a coisa comestível,  
a singular,  
a sempre condenável  
existência dos homens.  
Ó deus, tu que enlouqueces a quem amas  
tanto como a quem queres  
aniquilar.  
Deus do momento.  
Deus multiplicado  
numa dobra da noite.  
No minuto  
de uma respiração.  
Recebe o nosso excesso,  
as nossas mãos  
capazes de dar morte  
sem nenhum instrumento.

Tocamos-te,  
ó cinzento deus dos bosques.  
Tocamos-te,



Perdição

21

atrevemo-nos,  
e é tudo.  
Toda a história do mundo  
há-de esvair-se  
como as nossas pegadas.  
Deus da treva  
e do uivo.  
Fiquem uivos  
e trevas  
porque não há memória  
e a alma esquece,  
seja qual for o modo  
de existir.

Ó magnífico caos,  
ai, a volúpia  
das praças saqueadas.  
O gelo tudo cobre  
e eis que rebentam  
novamente as primícias.  
Para coisa nenhuma.  
Como as cegas aranhas  
lançando as suas teias  
sobre a cal.  
Sobre os brancos  
desertos.

Vivamos pois  
profundamente o instante.  
O fascinado incêndio,  
o vão capricho.  
Embala-nos na tua bebedeira,  
eleva-nos e deixa-nos cair,  
ó mistura do vinho,  
ó deus das ventas  
nunca saciadas.

